

Carioquidade e Brasilidade como marca:

a estratégia cultural da livraria Folha Seca

Carioca identity and brazilianess as branding: the cultural strategy of Livraria Folha Seca (2019–2023)

Paulo Roberto Gentil Leal

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC; Historiador do Santuário Arquidiocesano Cristo Redentor.

leal.paulo1964@gmail.com

RESUMO: O artigo analisa as estratégias adotadas pela Livraria e Edições Folha Seca para construir uma imagem diferenciada no cenário editorial do Rio de Janeiro. Parte-se da hipótese de que a livraria mobiliza elementos associados à identidade cultural brasileira e, em especial, carioca, para posicionar-se como referência de memória e sociabilidade. A pesquisa adota métodos mistos para examinar as práticas de comunicação e de divulgação da marca. Os resultados apontam que a livraria consolida uma identidade simbólica marcada pela valorização da carioquidade e pelo engajamento com a cultura local. O estudo contribui para refletir sobre o papel das livrarias independentes na preservação da bibliodiversidade e na mediação de experiências culturais que reforçam pertencimentos coletivos.

PALAVRAS-CHAVE: Campo Literário; Livraria Folha Seca; Rio de Janeiro.

ABSTRACT: This article analyzes the strategies adopted by Livraria e Edições Folha Seca to construct a distinctive image within Rio de Janeiro's publishing scene. It is based on the hypothesis that the bookstore mobilizes elements associated with Brazilian and, particularly, carioca cultural identity to position itself as a reference point for memory and sociability. The research employs mixed methods to examine the store's communication and branding practices. Findings indicate that the bookstore consolidates a symbolic identity marked by the valorization of carioca identity and engagement with local culture. This study contributes to broader discussion on the role of independent bookstores in preserving bibliodiversity and mediating cultural experiences that reinforce collective belonging.

KEYWORDS: Literary Field; Livraria Folha Seca; Rio de Janeiro.

Introdução

Este artigo investiga as estratégias adotadas pela Livraria e Edições Folha Seca para se afirmar como um espaço diferenciado no mercado livreiro carioca. Parte-se da hipótese de que a livraria articula elementos historicamente associados às identidades brasileira e, sobretudo, carioca, integrando referências culturais que transcendem sua função comercial e a posicionam como um espaço ativo de resistência simbólica e preservação cultural. Ao adotar práticas curatoriais específicas, promover eventos e manter uma comunicação que enfatiza a brasilidade e a carioquidade, a Folha Seca constrói uma marca singular, voltada à valorização da bibliodiversidade e à celebração da cultura local.

A análise concentra-se na forma como a livraria se apresenta como um empreendimento independente, comprometido com editoras de pequeno porte, autores locais e um público fidelizado, majoritariamente composto por intelectuais cariocas. Sua permanência no centro do Rio de Janeiro, à margem da lógica de deslocamento para centros comerciais, reforça seu posicionamento contra-hegemônico no cenário editorial contemporâneo, marcado pela concentração do mercado em grandes grupos.

Inserida em um campo interdisciplinar que articula estudos sobre memória, campo literário e economia do livro, a pesquisa também busca compreender o papel de livrarias independentes como agentes culturais. O objetivo é refletir sobre sua atuação na mediação simbólica e na formação de comunidades de leitores, destacando sua contribuição para a manutenção da diversidade cultural nos contextos urbanos.

A fundamentação teórica apoia-se em autores como Bourdieu (2005), Thompson (2013), Darnton (1995) e Assmann (2011), que reconhecem as livrarias como espaços de formação cultural e social, preservação de memórias coletivas e resistência à homogeneização imposta pelo

mercado. Bourdieu e Thompson ressaltam sua influência na construção de gostos e valores simbólicos, bem como na defesa da bibliodiversidade. Darnton destaca a livraria como elo entre autores, editores e leitores, enquanto Assmann enfatiza sua função como espaço de inscrição e transmissão de memórias culturais.

A metodologia combina abordagens quantitativa e qualitativa em um estudo de caso. O *corpus* empírico é composto pelas 528 postagens realizadas pela Folha Seca em seu perfil institucional no Instagram entre 2019 e 2023. Inicialmente, foram sistematizados, com base na bibliografia especializada, os traços recorrentes associados à identidade cultural carioca. Em seguida, os posts foram categorizados de acordo com esses elementos, originando um banco de dados e uma tipologia das postagens. Essa tipologia permitiu observar como a livraria constrói uma narrativa de pertencimento e diferenciação, consolidando-se como um agente cultural relevante na cena editorial do Rio de Janeiro.

Apesar de seu papel reconhecido na cena cultural carioca, a Livraria Folha Seca ainda é pouco abordada nos estudos sobre a cultura do livro e os espaços de sociabilidade ligados à leitura. A escassez de análises que articulem o campo literário às práticas de mediação cultural desenvolvidas por livrarias independentes evidencia uma lacuna que este artigo busca enfrentar. A análise proposta permite, assim, ampliar o escopo dos estudos sobre livrarias, deslocando o foco das grandes cadeias e editoras para experiências locais que articulam tradição e inovação, mercado e cultura, memória e presença digital.

Referenciais teóricos sobre livrarias, mercado editorial e mediação cultural

A escolha das livrarias como objeto de pesquisa se justifica pelo seu papel na disseminação do conhecimento, na promoção da leitura e no fomento

à cultura. As livrarias são espaços de encontro e interação social, onde as pessoas podem explorar diferentes gêneros literários e descobrir novas obras. Estudar as livrarias nos permite compreender a dinâmica do mercado editorial, as preferências dos leitores e o impacto das tecnologias digitais no setor.

A teoria do campo literário de Pierre Bourdieu, conforme discutida por Mollo (2022), permite compreender a literatura como um espaço dinâmico de disputas simbólicas, estruturado por regras, hierarquias e valores próprios. Nesse campo, agentes como autores, editores, críticos, leitores e livrarias interagem e negociam posições. Conceitos como capital cultural e capital social são centrais para entender essas disputas: o primeiro refere-se ao repertório de saberes valorizados socialmente; o segundo, às redes de relações que facilitam o acesso a recursos e reconhecimento (Mollo, 2022; Baptistini, 2017).

As livrarias, segundo Mollo (2016; 2022), ocupam posição estratégica nesse campo, atuando como curadoras do gosto literário e mediadoras culturais. Ao selecionar obras e organizar eventos, influenciam a visibilidade e o valor simbólico das publicações, legitimando autores e subcampos. No caso da Livraria Folha Seca, seu engajamento com a brasilidade e a carioquidade evidencia como esses espaços, além de comercializarem livros, participam ativamente da construção do capital cultural e do habitus dos leitores, moldando e sendo moldadas pelas dinâmicas do campo literário.

A teoria do habitus de Bourdieu, conforme Coutinho (2020), ajuda a compreender como disposições socialmente construídas orientam práticas e percepções no campo literário. Nas livrarias, aspectos como o espaço físico, a curadoria e os eventos influenciam o habitus literário dos visitantes. Schettino (2011) observa que o habitus incorpora estratégias de sobrevivência e saberes valorizados em contextos específicos, podendo gerar descompassos – ou hysteresis – quando os indivíduos transitam entre campos com lógicas distintas, como o ambiente livreiro.

As formas de capital (econômico, cultural, social e simbólico) são constantemente disputadas nesse espaço. Frequentadores com alto capital cultural tendem a interagir com mais desenvoltura, enquanto os de menor capital podem se sentir deslocados (Baptistini, 2017). A posição das livrarias revela também relações de poder: grandes redes dominam pela visibilidade e marketing; já as independentes, mesmo com menor poder econômico, conquistam prestígio por sua autenticidade e compromisso com a bibliodiversidade.

A Livraria Folha Seca destaca-se como espaço de resistência cultural ao privilegiar obras que vão além dos *best-sellers*, promovendo a diversidade literária e desafiando lógicas mercadológicas. Essa atuação influencia o *habitus* dos frequentadores, estimulando a valorização de narrativas plurais e conteúdos culturalmente significativos.

Ao articular os aportes teóricos de Mollo, Coutinho, Schettino e Baptistini, a análise proposta contribui para o aprofundamento da compreensão sobre as dinâmicas culturais e sociais que estruturam o campo literário, evidenciando o papel das livrarias como espaços privilegiados de formação simbólica, mediação cultural e transformação das práticas de leitura.

Robert Darnton (1995) destaca o papel das livrarias na circulação de ideias e na construção de vínculos sociais, situando-as como espaços de sociabilidade literária e intermediação cultural entre autores, editores e leitores. Ao discutir a economia do livro, ressalta que seu êxito depende da capacidade de atrair leitores e manter a sustentabilidade financeira. Em contextos adversos, as livrarias podem atuar como núcleos de resistência cultural, ao promover obras censuradas e ampliar o acesso a conteúdos críticos.

Em *Mercadores de Cultura*, John B. Thompson (2013) analisa o mercado editorial contemporâneo e propõe o conceito de bibliodiversidade para refletir sobre os impactos da concentração editorial e das inovações

tecnológicas. Ao destacar os riscos de homogeneização impostos pelos grandes conglomerados e o potencial das novas plataformas digitais para ampliar o acesso a vozes diversas, Thompson apresenta a bibliodiversidade como um dos principais desafios e promessas da era digital.

A contribuição de Aleida Assmann (2011) amplia o escopo ao destacar o papel das livrarias na preservação da memória cultural. Por meio da seleção e disponibilização de obras, esses espaços contribuem para a construção de identidades coletivas e para a continuidade de narrativas históricas. No caso da Folha Seca, seu acervo e sua ambientação projetam uma estética vinculada à carioquidade e à brasilidade.

No Brasil, esse campo de estudos se desenvolveu com contribuições como as de Laurence Hallewell (1985), que fornece um panorama histórico da formação do mercado editorial, e de Ubiratan Machado, com obras voltadas à história das livrarias brasileiras. Mais recentemente, Carrión (2020) atualiza esse debate ao destacar a experiência sensorial das livrarias físicas como aspecto insubstituível da fruição literária na era digital.

Apesar de sua presença marcante na cena cultural carioca, a Livraria Folha Seca ainda carece de estudos específicos que articulem suas práticas de mediação cultural, sua comunicação de marca e seu papel na construção de uma identidade literária urbana. Esta lacuna justifica a proposta analítica do presente artigo, que busca situar a livraria como agente de preservação da memória, promotor de bibliodiversidade e articulador de uma estética própria no mercado editorial contemporâneo.

A Livraria Folha Seca: história, identidade e mediação cultural na Ouvidor

A Livraria e Edições Folha Seca foi fundada em 1998 por Rodrigo Ferrari (“Digão”) e Daniela Duarte, estabelecendo-se, a partir de 2003, em um

sobrado do século XIX localizado na Rua do Ouvidor, no centro histórico do Rio de Janeiro. Desde então, ocupa o mesmo espaço de cerca de 30 m², onde abriga um acervo aproximado de 6 mil títulos. A ambientação da livraria é marcada por forte presença de símbolos da cultura carioca e nacional, como bandeiras do extinto estado da Guanabara e do Folha Seca Gelobol Clube – grupo de pelada formado por frequentadores da livraria –, além de quadros que retratam o Clube de Regatas do Flamengo, os jogadores Didi e Zico, o presidente Lula e a vereadora Marielle Franco. No interior, o jirau acomoda a seção infantojuvenil, enquanto o balcão principal exhibe objetos que articulam sincretismo religioso, futebol e militância social, a exemplo de uma camisa da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e um boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A Rua do Ouvidor, um dos ícones históricos e culturais da cidade do Rio de Janeiro desde o século XIX até meados do século XX, consolidou-se como espaço privilegiado de circulação de ideias, sociabilidade urbana e produção editorial. Em suas *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manuel de Macedo (2005) descreve-a como a “mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica”, revelando a intensidade da vida pública que ali se desenrolava. O local abrigou lojas de prestígio, importantes jornais e editoras de grande projeção, como a Garnier, a Francisco Alves e a Livraria José Olympio, desempenhando papel central no circuito editorial carioca durante boa parte do século XX. No entanto, a partir da década de 1990, o centro da cidade entrou em processo de esvaziamento e degradação, comprometendo a vitalidade econômica e simbólica da rua, que viu reduzir-se significativamente sua relevância como polo comercial e cultural.

Desde sua fundação, a Livraria e Edições Folha Seca estruturou uma estratégia que vai além da simples comercialização de livros, consolidando-se como espaço de sociabilidade intelectual e mediação cultural no centro

do Rio de Janeiro. Esse posicionamento foi viabilizado, em grande medida, pelas conexões estabelecidas por Rodrigo Ferrari com o meio universitário e intelectual da cidade, envolvendo acadêmicos, jornalistas e escritores com os quais manteve vínculos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Tais relações contribuíram decisivamente para a construção do capital simbólico da livraria, conferindo-lhe legitimidade e prestígio no cenário cultural carioca – como evidenciam entrevistas concedidas por Ferrari e reportagens veiculadas na imprensa ao longo dos anos.

Em entrevista concedida à Associação Estadual de Livrarias em junho de 2017, Rodrigo Ferrari relatou os primeiros passos de sua trajetória no universo livreiro. Segundo seu testemunho, seu ingresso nesse campo ocorreu de maneira fortuita, quando, ainda estudante de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi informado por um amigo sobre uma vaga de trabalho na recém-inaugurada livraria Dazibao, em Botafogo. Aos 20 anos e em busca de emprego, Ferrari aceitou o convite e rapidamente desenvolveu afinidade com o ambiente e com a cultura das livrarias. Sob a orientação de Chico, Graça e Jorge, então responsáveis pela livraria e pela editora Taurus, adquiriu conhecimentos que considera decisivos para sua formação profissional e que o motivaram a abandonar a universidade para dedicar-se integralmente ao projeto de criar sua própria livraria, voltada a temas ligados à cidade do Rio de Janeiro.

Na Dazibao, Ferrari implementou uma seção especializada em obras sobre o município do Rio, iniciativa que mais tarde se consolidaria na gerência da filial situada no Paço Imperial. A ênfase em temáticas como futebol, música e história fluminense passou a caracterizar seu projeto editorial. Em entrevista ao *Diário do Rio*, o livreiro comentou que a escolha por essa curadoria foi marcada pela afinidade com a identidade carioca e, de forma bem-humorada, mencionou as críticas que recebia ao incluir títulos relacionados ao futebol paulista e a Adoniran Barbosa em meio à produção local.

Paralelamente ao interesse pelo futebol – que reconhece como uma de suas grandes paixões –, Ferrari teve uma experiência formativa no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, onde começou a comercializar livros em um espaço frequentado por militantes de esquerda e intelectuais ligados à defesa da cultura como instrumento político. Segundo suas palavras, esse convívio contribuiu para moldar sua atuação como livreiro engajado e o encorajou a investir definitivamente no negócio editorial.

Com o declínio da livraria Dazibao no final da década de 1990, surgiu a oportunidade de assumir o ponto comercial. Junto à Daniela Duarte – colega dos tempos de graduação, posteriormente reconhecida por sua atuação como editora em casas como FGV, Objetiva e Companhia das Letras, além de fundadora da Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) –, fundou a Dazibao/Folha Seca. Com o encerramento definitivo da Dazibao, restou apenas a Folha Seca, já então caracterizada como uma livraria de pequeno porte, especializada em títulos sobre futebol, cultura e história da cidade do Rio de Janeiro.

Na mesma entrevista ao *Diário do Rio*, Rodrigo Ferrari relatou que a escolha do local da loja se deu de forma aparentemente fortuita, embora tenha havido, segundo ele, uma espécie de sinergia com o projeto. Inicialmente, demonstrava receio quanto à abertura de uma livraria em loja de rua, devido às dificuldades operacionais do comércio no centro da cidade. A antiga sede, localizada no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, oferecia algumas vantagens simbólicas e estruturais. A transferência para a Rua do Ouvidor ocorreu por sugestão de um amigo, que identificou compatibilidade entre o perfil da livraria e a história cultural da região. Após alguma hesitação, Ferrari e sua sócia decidiram-se pelo novo endereço.

A mudança foi consolidada entre 2003 e 2004, quando a Livraria Folha Seca passou a ocupar um casarão do século XIX na Rua do Ouvidor. A decisão de manter a loja aberta aos sábados à tarde – momento em que o centro

do Rio costumava permanecer esvaziado – gerou críticas de comerciantes vizinhos, que previam a escassez de público e riscos de segurança. No entanto, com o tempo, verificou-se não apenas a manutenção, mas também o crescimento da clientela, que passou a ocupar o espaço com maior permanência nos fins de semana.

Em depoimento à Associação Estadual de Livrarias (AEL-RJ), também em 2017, Ferrari descreveu a multifuncionalidade da livraria, destacando que, para além da venda de livros, o espaço passou a sediar atividades culturais diversas – como rodas de samba e choro, debates, lançamentos de obras e festas temáticas, como as juninas. O livreiro salientou o sentimento de pertencimento à região, mencionando o vínculo com outros comerciantes que atuam há mais de uma década na área. Em sua avaliação, a porção menos nobre da Rua do Ouvidor, historicamente marcada pelo comércio popular e pelo mercado de peixe, apresentava-se deserta nos fins de semana antes da instalação da livraria. Com o tempo, porém, a chegada de novos bares e espaços culturais teria contribuído para a revitalização do trecho, que Ferrari apelidou de “Complexo da Ouvidor”. Seu discurso valoriza o sentido de comunidade e a parceria com os vizinhos, ainda que admita não possuir expertise gastronômica, elemento fundamental para o dinamismo das atividades promovidas no local.

Embora Ferrari sustente que a revitalização do centro do Rio de Janeiro tenha começado com a Livraria Folha Seca, Machado (2012) aponta que, já no final dos anos 1990, havia um movimento em curso nessa direção. Regiões com casarões históricos, como o quadrilátero entre as ruas do Ouvidor, do Rosário, Primeiro de Março e Avenida Alfredo Agache, vinham sendo incorporadas ao projeto dos Corredores Culturais, com a criação de equipamentos como o CCBB, os Correios e a Casa França-Brasil. O comércio retornou de forma gradual, inicialmente com restaurantes e ateliês, seguidos de livrarias – entre as quais a Folha Seca foi a primeira a se instalar.

Em declaração à imprensa em janeiro de 2023, o deputado federal Tarcísio Motta (PSOL-RJ) destacou o papel central da Livraria Folha Seca na vida cultural do Rio de Janeiro, reconhecendo sua contribuição para a revitalização simbólica da Rua do Ouvidor como um espaço de produção e circulação cultural na cidade. O fato é que, no curso do tempo, a Livraria Folha Seca passou a adotar o slogan “a mais carioca das livrarias” exatamente na tentativa de demarcar como seu diferencial a aposta nos elementos da identidade do modo de ser do Rio de Janeiro.

A análise das reportagens veiculadas na imprensa e da ainda incipiente literatura dedicada às livrarias brasileiras evidencia que a narrativa identitária construída pela Livraria Folha Seca tem encontrado canais de repercussão e legitimação pública. Para operacionalizar essa análise, foram examinadas matérias publicadas nos seguintes veículos: *Jornal do Brasil* e *O Globo*, periódicos de ampla circulação nacional, com tradição na cobertura de eventos culturais na capital fluminense; o portal *Rio Já*, especializado em cultura carioca e relevante para aferir a recepção crítica da livraria por parte da imprensa segmentada; o jornal digital *Diário do Rio*, que tem ampliado seu alcance nos últimos anos e abordou distintos aspectos da trajetória da Folha Seca – desde campanhas de apoio durante a pandemia de Covid-19 até sua inclusão no guia turístico oficial da cidade; a *Mídia Ninja*, cujo viés editorial explicitamente militante contribui para mapear a identificação da livraria com pautas sociopolíticas; e, por fim, a *Revista Piauí*, reconhecida por sua abordagem densa e analítica sobre temas culturais, políticos e sociais, que possibilita uma leitura mais sofisticada da inserção simbólica da livraria no campo político-cultural.

Em matéria publicada pelo *Rio Já* por ocasião do 25º aniversário da livraria, comemorado em 2023, o autor destaca que “sob a moldura da história, Digão pôs o tempero carioca” – frase que resume a percepção pública do papel de Rodrigo Ferrari como agente cultural articulado ao ethos da cidade. A reportagem enfatiza o impacto das rodas de samba promovidas no entorno da livraria, que passaram a atrair centenas de pessoas aos

sábados, tradicionalmente um dia de pouco movimento no centro do Rio. O *Diário do Rio*, por sua vez, publicou uma matéria com o sugestivo título “Folha Seca: uma livraria com raiz carioca”, evidenciando o endosso à imagem editorial forjada por Ferrari: a livraria como instrumento de memória e identidade cultural local. Na entrevista, Ferrari afirma: “Todo mundo fala que foi uma ideia muito feliz. Eu já pensava nesse nome antes de ter a livraria. É uma ideia feliz porque é um nome que junta tudo o que a livraria simboliza”.

Como parte das celebrações de seus 25 anos, a Folha Seca organizou uma grande festa no feriado de São Sebastião, padroeiro da cidade. O evento, realizado na Rua do Ouvidor, contou com intensa participação popular, apresentações musicais e presenças de artistas, intelectuais e políticos. A roda de samba, ponto alto da comemoração, reforçou a apropriação simbólica do espaço público como extensão do projeto cultural da livraria. Em entrevista ao *Mídia Ninja* (2023), o escritor Ruy Castro destacou a relevância da Livraria Folha Seca para a cidade do Rio de Janeiro, classificando-a como uma verdadeira instituição carioca. Recordou ter conhecido o proprietário dois anos antes da inauguração e afirmou apoiar o projeto desde então. Para Castro, a livraria teve papel central na revitalização da Rua do Ouvidor, anteriormente degradada, ao atrair eventos, figuras influentes e promover a valorização da cultura e do livro como fontes de renda e sociabilidade. Enfatizou ainda o papel da rua como espaço privilegiado da vida cultural carioca, onde os debates públicos ocorrem de forma espontânea e acessível.

Mas a Livraria Folha Seca já era reconhecida pela grande imprensa como um espaço cultural tipicamente carioca há mais tempo. Em reportagem publicada no jornal *O Globo* em junho de 2017, a livraria representava um local de resistência cultural e um retrato do Rio de Janeiro em sua essência mais autêntica, sendo ponto de encontro de figuras influentes – como Ruy Castro, Marechal, Lira Neto, Luiz Antonio Simas, Alberto Mussa e Cássio Loredano –, onde ocorrem debates espontâneos sobre o Rio de Janeiro.

A matéria também rememora episódios emblemáticos que consolidam o imaginário carioca em torno da Livraria Folha Seca, como a visita da cantora Beth Carvalho, considerada um ícone da música popular brasileira e da identidade cultural da cidade. Após participar de uma homenagem a Hugo Chávez na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Beth dirigiu-se à Rua do Ouvidor, apostou na banca do bicho situada em frente à livraria e, segundo relatos, saiu vitoriosa. O episódio é frequentemente evocado como expressão simbólica da convergência entre cultura popular, política e afetividade que caracteriza o entorno da Folha Seca.

Entre os momentos mais emblemáticos da livraria, destaca-se a recorrente solicitação de Rodrigo Ferrari nas rodas de samba realizadas em frente ao estabelecimento: a canção “Saudades da Guanabara”, composta por Moacyr Luz, Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro. A letra, que evoca os ideais da Sociedade Petalógica – uma agremiação satírica que ironizava os rumos da política carioca –, reverbera pela Rua do Ouvidor como uma espécie de clamor nostálgico pela salvação simbólica do Rio de Janeiro.

O historiador Luiz Antonio Simas, amigo de longa data de Rodrigo Ferrari desde os tempos de graduação no IFCS/UFRJ, figura como um dos principais intelectuais a endossar publicamente a relevância cultural da livraria. Em artigo publicado no *Jornal do Brasil* por ocasião dos 21 anos da Folha Seca, Simas descreve o espaço como uma extensão de sua própria casa, lembrando os tempos em que a livraria funcionava no Centro de Artes Hélio Oiticica. Seu testemunho sublinha que o valor do local transcende o acervo bibliográfico: ele reside nas conversas entre amigos e no convívio informal com os frequentadores, como as cervejas compartilhadas no vizinho bar Toca do Baiacu – práticas que, segundo Simas, compõem verdadeiros “rituais civilizatórios”, tão indispensáveis quanto o ato da leitura.

Apesar de ser especializada em história da cidade do Rio de Janeiro, música e futebol, a Folha Seca também inclui em seu acervo publicações mais

voltadas à política, geralmente com uma perspectiva antifascista e em defesa da democracia. A vitrine e as paredes da Livraria Folha Seca também funcionam como suporte simbólico de posicionamento político. Conforme observa Fernanda da Escóssia em reportagem publicada na *Revista Piauí*, esse espaço expositivo não esconde o engajamento do proprietário e de parte do público da livraria com pautas da esquerda brasileira. A presença de uma foto do ex-presidente Lula e de mensagens como “Não vai ter golpe”, “Lula livre”, “Justiça para Marielle e Anderson” e defesa do SUS compõem uma paisagem visual que traduz o alinhamento ideológico e a inserção da livraria em debates políticos contemporâneos (Escóssia, 2024). A Livraria Folha Seca já foi homenageada por diversas personalidades e autoridades cariocas. Em 2012, Rodrigo Ferrari recebeu a medalha Pedro Ernesto, concedida por indicação do então vereador Eliomar Coelho, que o definiu como “o mais carioca dos livreiros”. Em entrevista à AEL (2017), Ferrari considerou a homenagem exagerada, embora lisonjeira, reconhecendo que muitos outros também seriam merecedores. Destacou ainda que a celebração no Palácio Pedro Ernesto foi organizada com apoio dos vizinhos, sem custos para os cofres públicos.

Na mesma reportagem, Ferrari abordou os desafios do mercado livreiro, intensificados pela pandemia, destacando que a Livraria Folha Seca manteve-se ativa graças à sua especialização e atuação cultural. Criticou a concorrência desleal de editoras que vendem livros a preços baixos em plataformas online, mas ressaltou que a promoção de eventos culturais fortalece o papel da livraria. Demonstrou otimismo com a retomada de um governo de esquerda, defendendo políticas que estimulem não apenas a produção, mas também a distribuição de livros.

Em declaração ao *Jornal do Brasil* (2019), Luiz Antônio Simas manifestou preferência por livrarias independentes, destacando seu valor simbólico frente às grandes redes e ao comércio online. Para ele, apoiar uma livraria de rua é um ato de resistência cotidiana, que contribui para uma cidade mais acolhedora e combate a intolerância, valorizando os pequenos gestos

que humanizam a vida urbana.

No romance *A Hipótese Humana* de Alberto Mussa, lançado pela Editora Record em 2017, a Livraria Folha Seca é destacada na narrativa que se passa no século XIX. A obra menciona a visita do personagem Elesbão à renomada livraria de Rodrigo Ferrari, localizada no número 37 da Rua do Ouvidor.

Além de sua função principal como livraria, a Folha Seca ampliou seu escopo de atuação, adentrando no campo editorial e mantendo sua essência original. Entre suas publicações, destacam-se trabalhos sobre a música do século XIX, biografias sobre o cartunista J. Carlos, obras do compositor Hermínio Bello de Carvalho, e estudos sobre arquitetura e teatro. Um exemplo recente é o livro *Lembrança Gravada*, de Angela de Castro Reis, que apresenta biografias de personalidades que nomeiam ruas na cidade.

Rodrigo Ferrari comentou a relação entre religiosidade e identidade da Livraria Folha Seca, cuja inauguração coincide com o Dia de São Sebastião e cujas celebrações incluem o Dia de São Jorge, também Dia do Choro. Embora se reconheça simpatizante das religiões, Ferrari admite um vínculo mais tradicional que devocional com o catolicismo. A livraria mantém uma seção robusta sobre temas afro-brasileiros – fruto da influência de sua ex-sócia e de amigos –, com destaque para a história da escravidão e do tráfico atlântico, atraindo frequentadores ligados ao Candomblé e à Umbanda. Um pequeno altar na loja reúne figuras como São Jorge, Zé Pelintra, São Sebastião e Iemanjá. Ferrari se define como marxista, umbandista, candomblecista, rubro-negro e, ao mesmo tempo, agnóstico e materialista, reconhecendo com humor sua superstição, especialmente no futebol, no que diz respeito às vitórias e derrotas do Flamengo.

O trabalho de Rodrigo Ferrari na Livraria Folha Seca vai além da comercialização de livros, configurando-se como uma prática de mediação

cultural. Ao promover eventos que estimulam o debate e o encontro entre públicos diversos, Ferrari exemplifica o papel do “intelectual mediador” – conceito formulado por Angela de Castro Gomes como aquele que se dedica à divulgação de conhecimentos e valores, articulando dimensões pedagógicas e políticas. Segundo Gomes (2020), esse intelectual dialoga com públicos amplos por meio de expressões culturais diversas, contribuindo para democratizar o acesso ao saber. Como destaca Xavier (2016), trata-se de um agente essencial na construção de redes de sociabilidade, na circulação de ideias e na formação de uma sociedade mais informada e culturalmente plural.

A construção simbólica da identidade cultural na Livraria Folha Seca: fundamentos teóricos e estratégias metodológicas

Para investigar se a Livraria e Edições Folha Seca articula elementos historicamente associados ao arquétipo da identidade cultural brasileira – especialmente da identidade carioca – como parte de uma estratégia de afirmação simbólica enquanto espaço de memória e sociabilidade, adotou-se uma abordagem de métodos mistos. A hipótese central é que a livraria mobiliza, em sua comunicação institucional, elementos simbólicos que reforçam a imagem de “a mais carioca das livrarias”.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica voltada à identificação de traços culturais recorrentes na construção da identidade carioca, tais como o samba, o futebol, a mestiçagem, o sincretismo religioso, o espírito festivo e a valorização do espaço público. Em seguida, foi realizada uma análise combinada – quantitativa e qualitativa – das 528 postagens publicadas no perfil institucional da Folha Seca no *Instagram* entre os anos de 2019 e 2023ⁱ. O objetivo foi compreender de que forma e com que frequência tais elementos são acionados na produção cotidiana de conteúdo da livraria, contribuindo para a construção de um ethos cultural diferenciado.

A discussão sobre identidades é marcada pela interdisciplinaridade, sendo abordada por autores da história cultural, sociologia e antropologia. Parto do princípio, consolidado desde os anos 1980 na literatura comparada (Said, 2007 [1978]), de que identidades – brasileiras ou cariocas – são múltiplas, resultantes de disputas de sentido historicamente situadas.

Roger Chartier (1990) entende a identidade nacional como construção cultural, forjada em lutas de representações, onde diferentes grupos tentam impor visões de mundo. As representações, longe de neutras, produzem práticas sociais e normas de percepção coletiva. A análise das práticas discursivas e da apropriação dos discursos é, para Chartier, essencial à compreensão da identidade como resultado de estratégias simbólicas que moldam o social.

Benedict Anderson (2008), por sua vez, define a nação como uma “comunidade política imaginada”, cuja coesão se sustenta por meio de narrativas e símbolos partilhados, como a literatura e a imprensa. Para ele, a identidade nacional é produto de uma imaginação coletiva mediada por práticas culturais, sendo continuamente negociada e sustentada por um repertório simbólico compartilhado.

Ambos os autores convergem na ideia de que a identidade nacional é uma construção cultural e simbólica, embora se diferenciem metodologicamente: Anderson adota uma perspectiva macro-histórica, centrada na emergência do nacionalismo; Chartier, por outro lado, privilegia a análise das práticas discursivas e suas apropriações no cotidiano.

Stuart Hall (2006) amplia esse debate ao abordar as transformações identitárias na modernidade tardia. Segundo ele, a globalização e a fluidez cultural desestabilizam identidades fixas, gerando sujeitos múltiplos e fragmentados. Hall propõe três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo (unitário), o sociológico (formado na relação com o outro) e o

pós-moderno (descentrado e mutável). Para ele, a identidade cultural moderna sofre uma crise, tornando-se um processo em constante construção, moldado por representações, sistemas de mediação e disputas hegemônicas.

Ao considerar a brasilidade, Hall nos permite compreendê-la como um conceito em transformação, influenciado por fatores como a globalização e os meios de comunicação. Sua análise diverge das abordagens mais históricas de Anderson e Chartier ao enfatizar as rupturas e contradições da identidade contemporânea. Ainda assim, os três autores convergem na valorização das representações culturais como elementos centrais na construção das identidades coletivas.

Entre brasilidade e carioquidade: disputas na construção da identidade nacional

A construção da identidade nacional brasileira foi marcada por um processo complexo e contraditório, no qual a elite carioca desempenhou papel central, sobretudo durante a *Belle Époque*. Jeffrey Needell (1993) mostra como essa elite moldou um ideal de brasilidade a partir da apropriação de referências europeias, articuladas com reformas urbanas e socioculturais no Rio de Janeiro, marginalizando expressões afro-brasileiras. Nesse processo, o Rio, então capital federal, consolidou-se como centro irradiador de uma brasilidade oficial.

A identidade nacional, como destacam Chartier (1990) e Anderson (2008), é uma construção cultural sustentada por representações e disputas simbólicas. Enquanto Chartier enfatiza a mediação das práticas discursivas na constituição do social, Anderson define a nação como “comunidade imaginada”, produzida por narrativas compartilhadas. Stuart Hall (2006) acrescenta uma dimensão contemporânea ao argumentar que, sob a globalização, as identidades tornam-se fragmentadas, descentradas e

continuamente negociadas.

Autores como Pereira (2012) e Guimarães (2009) aprofundam essa perspectiva a partir da teoria das representações sociais, entendendo a identidade como performativa e mediada por sistemas de significados compartilhados. A memória coletiva, conforme Halbwachs (1990), é também um recurso essencial para a construção do pertencimento nacional, continuamente reelaborado por disputas e enquadramentos sociais.

No campo cultural, a brasilidade foi forjada com base em símbolos que oscilam entre inclusão e dominação. O antilusitanismo, conforme Souza (2005), funcionou como ruptura com o passado colonial. Já autores como DaMatta (1997), Ortiz (1986) e Ribeiro (1995) mostram de que maneira elementos como a mestiçagem, o carnaval e o malandro foram incorporados como marcas da identidade nacional. No entanto, Skidmore (2008) problematiza essa visão harmoniosa, revelando o caráter estrutural da desigualdade racial brasileira.

A crítica de Chauí (2000) e Capelato (1998) evidencia o uso da propaganda estatal – especialmente no Estado Novo – para consolidar uma identidade nacional homogênea e subordinada aos interesses das elites. A mestiçagem, embora celebrada por Freyre (1933) como um traço positivo, é compreendida por autores, entre eles Ortiz e Peter Fry, como instrumento de branqueamento simbólico.

No caso do Rio de Janeiro, Schwarcz (2001), Gontijo (2002) e Fernandes (2001) demonstram como a carioquidade foi gradualmente absorvida como expressão privilegiada da brasilidade. A praia, o samba, o carnaval e o futebol são símbolos centrais dessa identidade, cuja difusão foi potencializada por intelectuais e políticas culturais desde o início do século XX. A figura do malandro, o mito das três raças e o Zé Carioca são exemplos da estetização dessa identidade mestiça e ambígua.

A institucionalização das escolas de samba e sua transformação em símbolos nacionais ilustram a “invenção de tradições” (Hobsbawm, 1997), resultado de uma circularidade cultural entre elites e classes populares. A festa, como mostra Fernandes (2001), tornou-se uma forma de sociabilidade e afirmação de identidades periféricas, ainda que incorporadas seletivamente pelo Estado e pela mídia.

O futebol, como analisa Fernandez (2010) com base em Bourdieu e Geertz, também se insere nesse processo como prática cultural dotada de forte carga simbólica e de distinção social. Clubes, estádios e narrativas esportivas contribuem para reforçar tanto o pertencimento quanto as hierarquias sociais no contexto carioca.

O Rio, portanto, assume dupla centralidade: como lugar de produção simbólica da brasilidade e como espaço onde se articulam identidade local e nacional. Carlos Lessa (2000) argumenta que, após a perda do status de capital, a cidade ressignificou sua centralidade a partir da cultura, convertendo-se em vitrine nacional e internacional.

Intelectuais como Gomes (1993, 2004) mostram que essa identidade foi sustentada por redes de sociabilidade, instituições literárias e espaços urbanos que conectaram práticas culturais à política. A carioquidade, assim, emerge como representação da brasilidade, marcada por contradições entre inclusão simbólica e exclusão social, entre celebração da diversidade e ocultamento das desigualdades.

A Folha Seca no Instagram: temas, categorias e estratégias discursivas

Embora a Folha Seca direcione sua atuação para um público nichado, basicamente formado pela academia, e se apresente como uma livraria independente que resiste às pressões de mercado, o fato é que a empresa

também tem recorrido às redes sociais para divulgar a própria marca. Trata-se do que a literatura especializada que problematiza o caráter tecnopolítico das plataformas transnacionais de mídia denomina de *affordances*, isto é, “os usos, planejados ou não, das interfaces e suas funcionalidades e materialidades” realizados pelos sujeitos, que “não necessariamente” se limitam às “possibilidades oferecidas pelos desenvolvedores” (Josiowicz; Deusdará, 2022, p. 164).ⁱⁱ

Para operacionalizar o estudo do perfil que a Folha Seca constrói sobre si na sua comunicação com o público, decidi analisar o conteúdo das postagens realizadas pela própria livraria em seu perfil institucional no Instagram desde que ela passou a utilizar essa rede social, em 2019, até 2023.ⁱⁱⁱ Nesse período, a Folha Seca publicou um total de 528 postagens no Instagram.^{iv} No limite, seria uma primeira tentativa de compreender o que essa plataformização da livraria poderia significar para pensar a forma como ela buscava forjar uma identidade própria.

A escolha do *Instagram* como principal fonte para analisar as estratégias de comunicação da Livraria Folha Seca, em vez do Facebook, baseia-se em três fatores. Primeiro, o perfil da livraria no *Instagram* possui um número significativamente maior de seguidores (18.745) em comparação ao Facebook (7.105). Segundo o *Instagram* oferece maior apelo visual, aspecto essencial para a construção da marca e para a análise da presença de signos associados à carioquidade e à brasilidade. Por fim, a plataforma apresenta maior crescimento e engajamento entre os usuários, reforçando sua relevância para a pesquisa.

O primeiro passo da análise de conteúdo consistiu na criação de um banco de dados com as seguintes variáveis: data da postagem, registrada em formato de data completa; texto da postagem, com a transcrição literal do conteúdo publicado; link da postagem, com o endereço que redireciona ao post original; e tema da postagem, classificado com base na literatura sobre identidade cultural carioca, mas aberto à emergência de categorias

empíricas não previstas.

O quadro a seguir apresenta a distribuição do quantitativo de postagens da Folha Seca no Instagram ao longo do período estudado:

Quadro 1: Distribuição do quantitativo de postagens da Folha Seca no Instagram (2019- 2023)

Ano	Postagens no Instagram (nº)
2019	107
2020	116
2021	85
2022	112
2023	108
Total	528

Fonte: Elaboração própria.

A análise da frequência de postagens indica que a Livraria Folha Seca manteve, em média, uma publicação a cada três dias e meio, evidenciando um esforço contínuo de interação com seu público. A principal exceção foi 2021, ano em que se observou uma redução significativa nas postagens. Essa queda está relacionada ao pico da pandemia de COVID-19 e a dificuldades operacionais, como redução de horários de atendimento e problemas com telefonia, conforme informado em algumas postagens. Destaca-se ainda o impacto do contexto político: a pandemia e o governo Bolsonaro motivaram o aumento de postagens com conteúdo e slogans alinhados à esquerda, frequentemente integrados a outras temáticas.

A análise quantitativa confirmou a regularidade e diversidade das postagens, aspecto também evidenciado na análise qualitativa. As

publicações incluíram fotos, vídeos e anúncios de eventos, abordando temas variados. Essa diversidade revelou a necessidade de expandir as categorias analíticas inicialmente previstas (como samba, futebol, mestiçagem, sincretismo, Carnaval e malandragem), levando à criação de novas categorias, sintetizadas no Quadro 2.

Quadro 2: Outras temáticas das postagens da Folha Seca no Instagram catalogadas a partir da análise empírica (2019-2023)

Categoria	Definição
Política	Diz respeito às postagens que abordam diretamente ou indiretamente temas relacionados ao poder, governança, e debates políticos contemporâneos. Isso pode incluir a promoção de livros sobre história política, eventos com figuras públicas, ou discussões sobre questões sociais amplas que envolvem o campo político.
Feminismo	Postagens que abordam questões de gênero, igualdade de direitos, ou que destacam o trabalho de autoras e obras relacionadas ao movimento feminista.
Campo Literário	Abrange postagens que tratam de assuntos relacionados à literatura em um sentido amplo, incluindo livrarias, autores, leitores, e eventos literários.
Folha Seca	Reservada para postagens que refletem a própria identidade da Livraria Folha Seca. Inclui conteúdos que destacam o espaço físico da livraria, sua história, e eventos exclusivos que promovem sua imagem.

Fonte: Elaboração própria.

Após identificar as novas categorias temáticas, finalizei a tipologia utilizada para preencher a variável Tema da postagem no banco de dados. No entanto, a análise revelou que muitas publicações não se restringiam a

uma única temática, exigindo classificações múltiplas. Essa estratégia buscou captar a complexidade dos conteúdos, assegurando uma leitura mais abrangente das práticas comunicativas da Folha Seca.

Exemplos como a promoção de um livro sobre história política, escrito por uma autora feminista, ilustram a necessidade de múltiplas classificações – como "política", "feminismo" e "campo literário" –, refletindo a sobreposição de sentidos e discursos. O uso de uma única categoria poderia invisibilizar dimensões fundamentais da mensagem. A classificação múltipla, portanto, foi essencial para apreender a articulação entre referências culturais, políticas e literárias que moldam a identidade da livraria.

O próximo quadro apresenta a distribuição temporal e temática das 528 postagens analisadas, incluindo os casos de classificações combinadas.

Quadro 3: Distribuição do quantitativo de postagens da Folha Seca no Instagram por área temática (2019-2023)

Temas	2019	2020	2021	2022	2023	Total (%)
Política	48	67	76	93	78	362 (24,3%)
Literatura / Campo Literário	38	52	59	92	107	348 (23,4%)
Folha Seca	38	43	42	30	55	208 (14,0%)
Samba	19	23	10	26	39	117 (8,0%)
Futebol	13	28	12	14	25	92 (6,4%)
Rio de Janeiro	12	13	17	19	39	90 (6,2%)
Matriz Africana	7	21	9	23	17	77 (5,1%)

Sincretismo	12	13	12	22	16	65 (4,4%)
Mestiçagem / Racismo	8	15	5	19	8	55 (3,8%)
Feminismo	9	9	2	4	7	31 (2,0%)
Malandragem	0	2	2	10	4	18 (1,2%)
Carnaval	3	1	1	6	4	15 (1,0%)
Capoeira	1	2	1	1	2	7 (0,4%)

Fonte: elaboração própria

O estudo analisou como a Livraria Folha Seca utiliza suas postagens no Instagram para engajar o público, promover eventos e valorizar seu acervo, reforçando sua imagem como espaço cultural genuinamente carioca. A curadoria de conteúdo revela forte conexão com a cultura local, destacando eventos como lançamentos de livros, rodas de samba, debates sobre futebol e celebrações típicas da cidade (Leal, 2024).

De acordo com Leal (2024), a análise qualitativa mostrou a mobilização contínua de símbolos da identidade carioca – como o samba, o futebol, o Carnaval e o uso do espaço público – em postagens que homenageiam figuras emblemáticas e convidam à participação coletiva. O samba aparece como tema recorrente, com vídeos, fotos e homenagens que geram alto engajamento. O futebol, outra paixão carioca, é igualmente explorado em eventos com autores e debates. No Carnaval, a livraria amplia sua programação temática, reforçando seu papel como promotora da cultura popular. A valorização do espaço urbano em eventos ao ar livre também reforça a dimensão sociocultural da carioquidade.

Com base nas duas etapas de investigação, conclui-se que a Folha Seca, sob a liderança de Rodrigo Ferrari, articula de forma eficaz os elementos simbólicos da identidade carioca, posicionando-se como espaço de

resistência cultural e memória coletiva. Essa abordagem metodológica, combinando uma revisão teórica com uma análise prática das estratégias de comunicação da livraria, permite não apenas verificar seu empenho em forjar para si própria a imagem da “mais carioca das livrarias”, mas também entender os mecanismos pelos quais ela constrói e reforça essa identidade (Leal, 2024). A pesquisa contribui para um entendimento mais amplo do papel das livrarias independentes na preservação e promoção da cultura local, destacando a importância desses espaços na formação e manutenção da identidade cultural em tempos de crescente globalização e homogeneização cultural.

Considerações Finais

Ao concluir este trabalho, é pertinente refletir sobre os múltiplos sentidos mobilizados pela Livraria e Edições Folha Seca no contexto do mercado editorial carioca. Com base nas análises desenvolvidas por Leal (2024), foi possível demonstrar que a Folha Seca transcende sua função comercial, afirmando-se como espaço de memória, resistência cultural e afirmação da identidade carioca. Por meio de uma curadoria criteriosa, da promoção de eventos culturais e de uma comunicação que enfatiza brasilidade e carioquidade, a livraria consolidou-se como referência simbólica e centro de convivência cultural para a comunidade local.

Recomenda-se que futuras pesquisas explorem outras livrarias independentes e as adaptações às mudanças tecnológicas, bem como as experiências dos frequentadores, para aprofundar ainda mais a compreensão do papel desses espaços na promoção da cultura e da sociabilidade. Este artigo, derivado da pesquisa de Leal (2024), busca inspirar um maior interesse pela leitura e pela participação em atividades culturais, reconhecendo o valor das livrarias como guardiãs da memória cultural e promotoras de interações sociais ricas e diversificadas.

Assim, reafirma-se a relevância das livrarias como espaços culturais dinâmicos, que vão além da mera comercialização de livros. Ao preservar e valorizar esses locais, estamos não só reverenciando o passado, mas também investindo no futuro cultural de nossas sociedades. A Livraria Folha Seca, com sua forte identidade carioca e brasileira, serve de exemplo para como as livrarias podem contribuir para a construção de uma comunidade mais coesa e culturalmente rica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed.Unicamp, 2011.

BAPTISTINI, F. Reminiscências da livraria importadora Leonardo da Vinci na vivência político-cultural da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 13, p.337-355, 2017. <https://periodicos.fgv.br/mosaico/artic/e/view/70569> Acesso em: 30 de maio de 2025.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Edusp, 1990.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

_____. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O mercado de bens simbólicos. In: MICELI, Sergio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CAPELATO, Maria H. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

CARRIÓN, Jorge. **Contra a Amazon e outros ensaios sobre a humanidade dos livros**. São Paulo: Elefante, 2020.

CARRIÓN, Jorge. **Livrarias**: uma história da leitura e de leitores. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quareto, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COUTINHO, Samara Mírian. **Um mercado de peculiaridades**: a Banca Tatuí e as estratégias de comércio e legitimação das casas editoriais do microcosmo gráfico-independente. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2020.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução.

- São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ESCÓSSIA, Fernanda da. De volta à Rua do Ouvidor: uma pequena livraria do Centro do Rio sobrevive à catástrofe econômica causada pela quarentena. Crônica publicada na **Revista Piauí**, Edição 166, em julho de 2020.
- FERNANDES, Nelson da N. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foo-tball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro, José Olympio, 1933.
- FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GEERTZ, C. A. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalho**. Rio de Janeiro: Vértice / IUPERJ, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio: os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993.
- GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa. **Winsconsin: Luso-Brazilian Review**, V. 41, N. 1, University of Wisconsin Press, 2004. Disponível em: <https://lbr.uwpress.org/content/41/1/80>. Acesso em: 30 de maio de 2025.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GOMES, Angela de Castro. O lugar dos Intelectuais mediadores”: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-%20entrevista-angela-de-castro-gomes/> Publicado em: 31 ago. 2020. Acesso em: 28 de maio de 2025.
- GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas, in GOLDENBERG, Mirian et al. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUIMARÃES, Lara Linhalis. **A identidade do povo brasileiro em cena: a construção da brasilidade no discurso do Jornal Nacional**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –

Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JODELET, Denise (Org.). **Das representações coletivas às representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

JOSIOWICZ, A.; DEUSDARÁ, B. . Análise tecnodiscursiva de manifestações em torno de D. Maradona: metodologias de delimitação de regiões do dizer no Twitter. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. Port.156–181 / Eng. 172, 2022. DOI: 10.1590/2176-4573p57464. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/57464> Acesso em: 31 de maio de 2025.

LEAL, Paulo Roberto Gentil. **Livraria e Edições Folha Seca**: carioquidade e brasilidade na construção de uma

marca na cena editorial carioca (2019–2023). Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) — Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, Rio de Janeiro, 2024.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**: uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Senado Federal, 2005.

MACHADO, Ubiratan. **A etiqueta de livros no Brasil**: subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2004.

MACHADO, Ubiratan. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTIN, Monique de Saint. Capital simbólico. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M.; HEY, A.; MEDEIROS, C. (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOLLO, Lúcia Tormin. **Bazar Oiô**: uma livraria, um livreiro e um campo literário. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TORMIN, Lúcia. **Livrarias e livreiros na**

- ditadura militar brasileira (1964-1985).** 2022. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022
- MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.). **Das representações coletivas às representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Revista: Projeto História: trabalhos da memória**, São Paulo: PUC-SP, n.10, p. 7-28, dez. 1993.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PEREIRA, Maria Clara Fonseca, A construção das representações sociais dos cariocas em capas de revistas. In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, V.16, N.4, p. 2768-2778, 2012. Rio de Janeiro, Anais do XVI CNLF. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/19771> (filologia.org.br) Acesso em: 30 de maio de 2025.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.
- _____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.
- RAMOS, A. **O Folclore Negro no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics.** New York: McGraw-Hill, 1966.
- SCHETTINO, Thais Sena. **O livreiro e a lida com o (re)conhecimento: um estudo sobre identidade profissional.** 2011. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, V. 10, N.29, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão.** Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras 2003.
- SKIDMORE, Thomas. **O Brasil visto de**

fora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

SORÁ, G. **Brasilianas:** José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo; Com-Arte, 2010.

SOUZA, R.L. de. O antilusitanismo e a afirmação da nacionalidade. **Politeia – História e Sociedade.** V. 5, n.1, Vitória da Conquista: 2005. Disponível em: <https://independencias-memorias.com.br/web/index.php/index/base-ddados/item/13077-souza-ricardo-luiz> Acesso em: 30 de maio de 2025.

THOMPSON, John Brookshire. **Mercadores de cultura:** o mercado editorial no século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1995.

ⁱ Esta base empírica foi originalmente nessa mídia por outras linguagens desenvolvida na dissertação de próprias, sendo comum o recurso ao mestrado *Livraria e Edições Folha Seca*: texto redigido em caixa alta para sinalizar *carioquidade e brasilidade na construção* tal sentimento.

de uma marca na cena editorial carioca ⁱⁱⁱ O ano de 2023 foi adotado como ponto (2019–2023), defendida na Fundação de corte para garantir a análise da Getúlio Vargas/CPDOC em 2024, sob totalidade anual de postagens orientação da Prof^a. Dr^a. Jaqueline Porto disponíveis até o encerramento da fase de coleta de dados.

ⁱⁱ Um exemplo simples para ajudar o ^{iv} O perfil da livraria pode ser acessado leitor a compreender o significado de pelo link:

affordance é a inexistência de um <https://www.instagram.com/explore/locations/3790048/livraria-e-%20edicoes-folha-seca/> Data do último acesso: 30 de maio de 2025.

emoticon, no *Facebook*, para demonstrar especificamente a raiva. Embora a folha-seca/ plataforma não ofereça essa reação via *emoticon*, na prática, os usuários do *Facebook* aprenderam a expressar raiva